

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 111 - 117

A Angola mítica de Luandino Vieira

Marlise Vaz Bridi Ambrogi

A vida verdadeira de Domingos Xavier, li
vro de José Luandino Vieira, foi escrito em 1961 quando
a guerra colonial entre Portugal e Angola estava em ple
no processo. Exemplar de uma literatura em formação, con
tribui com sua temática para caracterizar a Literatura
Angolana, como suas parceiras africanas, por se voltar
para os valores que demarcam o espaço para a expressã
da realidade local, com sua própria face cultural, econô
mica e política. Além disso, viu-se, com freqüência, co
mo arma de luta, que tanto tinha seu efeito (ao menos po
tencial), que era sistematicamente proibida e seus auto
res perseguidos e presos pelas polícias políticas implan
tadas em seus países pela metrópole.

Passadas duas décadas desde que foi escri
to e quase uma desde que recebeu sua primeira edição
(Lisboa, Edições 70, 1974), A vida verdadeira de Domingos

Marlise Vaz Bridi Ambrogi é professora convidada do Depar
tamento de Teoria Literária IEL - UNICAMP

Xavier pode ser lido para além da dimensão de testemunho histórico do sangrento e desumano processo de libertação dos povos subjugados pelo colonialismo racista. Sem dúvi da dotado dessa força testemunhal, é em sua construção que se pode detectar sua possibilidade de sobrevida literária, dada a adequação entre os projetos estético e ideo lógico que fundam a obra.

A história da personagem título é oferecida ao leitor embricada a uma série de expedientes que dão consistência à narrativa e contribuem para a elaboração de uma mitologia do oprimido concordante com a condição semi-tribal de sua organização, bem como da tradição semi oral/semi-escrita da cultura dos povos africanos. São eles a estruturação da trama, a unidade de linguagem e a onipresença da natureza.

A narrativa, fugindo à linearidade, é cons truída em dois planos complementares que, um, enfoca Domingos Xavier e seus torturadores e, outro, acompanha as outras personagens, representantes do povo angolano. Desse paralelismo entre os planos nasce a expectativa da leitura, pois sempre um ou mais fios da trama estão sus pensos no momento em que um plano é abandonado para a in cursão em outro. Assim, ao final do primeiro capítulo, na da se sabe acerca do prisioneiro que miúdo Zito evavô Pepe telo observam, nem se sabe exatamente porque vão transmi tir o que viram paramano Xico. Se o segundo capítulo, num flashback em relação ao primeiro, segue Domingos até en contrar-se aprisionado e ferido por pancadas em uma cela,

somente o quarto capítulo dará seguimento à rede de informações transmitidas boca a boca, imagem da resistência popular em oposição ao poder estabelecido que, apesar de todo aparato policial e militar, carece dos dados mais elementares e por eles tortura e mata.

Mas, ainda que paralelos em seu desenrolar, os planos da narrativa fazem contraponto entre si. A oposição entre falar e calar, base dessa imagem central do romance, embora seja evidente, não é explicitada em qualquer momento, mas integra-se ao procedimento representativo. Falar ou calar são ações dependentes do interlocutor amigo ou inimigo e também função das circunstâncias: para Maria, mulher de Domingos, falar e mesmo berrar por seu homem à porta dos postos de polícia e prisões é fundamental para que receba notícias e possa localizar o preso. O diálogo entre a fala e o silêncio acaba por encontrar-se, no último capítulo, representada pela imagem da festa popular, cheia de fala e de canto, que é interrompida pelo silencioso respeito por um companheiro morto porque negou-se a falar.

Por outro lado, os dois planos têm cada qual sua própria dinâmica. Num deles, envolvendo basicamente o embate entre Domingos e seus torturadores, em face do obstinado silêncio do primeiro, a narrativa se encaminha num crescendo para o seu desfecho lógico: a eliminação da personagem. O outro plano, em contraposição, acompanha, cuidadosamente, a dinâmica da vida angolana e sobre ela dá informações que, ao recriar o ambiente, o

valorizam. Assim, miúdo Zito é um menino inteligente que brinca animadamente com seus companheiros até o momento em que seu papel de elo na corrente de resistência popular é solicitado; velho Pepetelo joga pedra nos moleques que o perturbam com chacotas; mano Xico, jogador de futebol que usa brilhantina, namora Bebiana com quem pretende casar-se e assim por diante. Todos os passos da narrativa promovem a beleza da vida popular em oposição aos padrões e a exploração do colonizador. A criação desses polos de oposição entre vida e morte, identificados pela narrativa com o povo e com o colonizador, torna-se portanto, elemento positivador da imagem popular.

Outro demarcador da oposição entre o colonizador e colonizado é a linguagem. Embora escrito em português, tanto ao nível do narrador, como na fala das personagens colonizadas é possível detectar a utilização vocabular e sintática da linguagem das camadas populares em contraposição à fala dos policiais brancos que se utilizam da estrutura sintática e vocabular do português da metrópole. Isso pode ser notado no diálogo entre Maria e um dos policiais:

- " - O teu homem é um bandido. Queria matar os brancos todos. O melhor é esqueceres...
- Mas sô secretário, bandido como então? Domingos estava sô trabalhar no tractor, viver com a família, não andava na porrada, nunca lhe prenderam, bandido como então?

- Já te disse, não discutas, O teu homem é um ban
dido." (p. 31)

A unidade de linguagem empregada pelo nar_rador e pelas personagens positivizadas reforça a oposi_ção anteriormente vista na construção narrativa que opta por um ponto de vista, por coerência, comprometido com a parcela oprimida desde a linguagem. É também através de_la que a narrativa recupera outra das marcas das cultu_ras africanas que é a oralidade. No nome das personagens já se nota a presença dos epítetos que os acompanham (miúdo, velho, vavô, mano...) mas é com a presença da personagem Mussunda, o alfaiate contador e intérprete da memória do povo, que esse elemento se evidencia melhor. Também é ele o terminal da corrente de informações que caracteriza a resistência popular, bem como um dos diri_gentes do clube Botafogo preocupado em preservar, contra a política assimilacionista do colonizador, todas as ma_nifestações da cultura angolana.

O último aliado dos colonizados no inte_rior da narrativa é aquele que encerra a concepção nacio_nalista por excelência: a natureza pátria. Constantemen_te invocada, aparece em comparações e como cenário vivo e querido por sua exuberância e riqueza mas que só entre_ga seus verdadeiros segredos aos angolanos. Está sobretu_do ligada a Domingos que, ao vislumbrá-la, pela janela de sua cela, a identifica com a pátria, e recobra forças para manter-se negando as informações exigidas, mesmo

sob tortura.

A partir desses expedientes já se poderia falar na elaboração de uma mitologia do oprimido, confirmada pela construção da personagem Domingos segundo o modelo de herói. Para tanto, soma qualidades de bom pai , marido trabalhador e companheiro leal, qualidades essas dadas como essenciais para a sociedade em questão. Dessa conjunção mítica advém a possibilidade de serem rompidos os limites dos planos da vida e da morte implantados pela construção narrativa: numa ascensão similar à proposta pela mitologia cristã, a morte de Domingos é recuperada para o pólo da vida. As palavras de Mussunda o colocam na dimensão do mito:

" - Irmãos angolanos. Um irmão veio dizer mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tractorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo, e da sua terra. Fiz parar essa farra só para dizer isto, não é para acabar, porque a nossa alegria é grande: nosso irmão se portou como homem, não falou os assuntos do seu povo, não se vendeu. Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos Antônio Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano..." (p.94)

Memória e testemunho, A vida verdadeira de Domingos Xavier é construída por imagens e correlações

típicas da narrativa mítica e próprias dos que anseiam pelo futuro.

REFERÊNCIA

1. VIEIRA, José Luandino - A vida verdadeira de Domingos Xavier. São Paulo, Ática, s/d. (Col. Autores Africanos).